Apêndice D

Concepções dos agentes acerca do significado dos acordos de empréstimo junto ao Banco Mundial para a política nacional de controle da aids

Sandra Garrido de Barros

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARROS, S.G. Apêndice D - Concepções dos agentes acerca do significado dos acordos de empréstimo junto ao Banco Mundial para a política nacional de controle da aids. In: *Política Nacional de Aids: construção da resposta governamental à epidemia HIV/aids no Brasil* [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 313-317. ISBN 978-85-232-2030-3.
<https://doi.org/10.7476/9788523220303.0012>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

APÊNDICE D

Concepções dos agentes acerca do significado dos acordos de empréstimo junto ao Banco Mundial para a política nacional de controle da aids

SE	Agente	Concepções	Trecho
Burocrático	E1	Estruturação do PN - melhoria da gestão (transferência de recursos para Estados e municípios); - inquéritos - Financiamento de projetos de ONGs	"[...] já tem uma capacidade normativa, de conhecimento, já começam a adquirir capacidade normativa e vai dar o salto final com o acordo de empréstimo que começa em 92. Aí com isso o programa nacional também adquire capacidade de indução de política por meio de financiamento. [...] Melhora muito a interlocução com a sociedade civil. [...] Sinceramente, eu acho que não existira na configuração que existe hoje programa nacional, se não tivesse o acordo de empréstimo [...] Não é pelo volume de recurso, mas é pelo papel que esses recursos desempenham na política nacional. A primeira questão [...] é a contratação de uma equipe técnica de alto nível [...] A segunda questão é que ele permite financiar áreas que não eram financiadas regularmente pelo sistema de saúde. [...] o financiamento da melhoria da gestão no âmbito dos estados e municípios. [...] E ao mesmo tempo ele financia as ONGs. [...] E tem um terceiro aspecto, [...] que é da produção do conhecimento, especialmente, na área da Vigilância Epidemiológica. Então começam a se desenvolver os primeiros inquéritos nacionais, quando se começa a dimensionar efetivamente e conhecer a epidemia que existe no país."
	E15	Estruturação do PN - Pesquisa - Financiamento de projetos de ONGs Financiamento do tratamento com recursos da união	"Nossa foi um avanço muito grande, foi uma coisa muito grande, porque o custo hoje de tudo que se trabalha com DST/Aids é muito caro. Então, o recurso que a gente tem hoje do ministério da saúde, recursos da união, é praticamente para compra de medicamentos, e quando você tem um acordo de empréstimo, você passa a financiar projetos. Teve financiamento de projetos de vacina, projetos de pesquisa, ações que movimentos sociais fazem."
	E17	Estruturação do PN - Consolidou uma estrutura programática - Priorização de populações vulneráveis Registro da manutenção da autonomia nacional	"[...] você consolidou uma estrutura programática no país com os dois primeiros financiamentos do Banco Mundial." "Antes disso tem um debate importante que é o debate provocado pelo Banco Mundial que tenta induzir as políticas públicas dos países. E induzir sob a perspectiva que se deva centrar e se concentrar as ações da prevenção, não olhar pra questão do investimento em tratamento[...] E, dentro da prevenção, se concentrar nos grupos e populações de maior risco. Essa era a tese do Banco Mundial que prevaleceu durante os anos noventa, do qual o Brasil refutou. O Brasil não concordava. Concordava com a necessidade de aportar mais recursos pra prevenção, mas não dissociar essas ações do campo do tratamento. Então, tratamento e prevenção tinham que caminhar de braço dados, juntos como uma estratégia pra enfrentamento da epidemia."
	E21	Viabilidade do PN - Consolidação das ONGs - Expansão do número de ONGs	"Tudo. [...] o primeiro foi a manutenção do programa, o segundo que foi a questão do sangue [...] E também a questão de consolidar as ONGs, os repasses para as ONGs. Foi o boom de repasse para as ONGs. Eu lembro que eu que tomava conta da unidade, eu já trabalhei em tudo aqui. A questão dos projeto, das ONGs era comigo, então tinha cerca de 3 mil projetos firmados com ONGs. Então foi o boom de criação de ONG do país, tanto da parte de prevenção como de assistência, também de drogas injetáveis, essas coisas, que era uma das populações que mais se contaminavam. Então, esses dois acordos de empréstimos propiciaram vários convênios com ONGs. [...]"
	E23	Estruturação do PN - Controle da epidemia	"Eles foram fundamentais na época. Não acompanho hoje, mas se realmente se a gente não tivesse tido esse dinheiro extra, esse aporte de recurso, a gente não teria o controle que a gente tem hoje, mesmo que a gente não tenha o controle total, mas não pode se comparar com os países como a África e tudo, que eu tive oportunidade de ver. Era uma calamidade pública mesmo, [...] então eu acho que os acordos e tal foram fundamentais mesmo. Eu acho que o Brasil soube aplicar bem nesse particular. Realmente as estatísticas que mostravam as projeções na realidade de que se não houvesse o acordo os números seriam absurdos..."
	E28	Estruturação do PN - Estruturação material do programa (aquisição equipamentos)	"[...] a gente não tinha quase nada, computador tinha muito poucos, aí já com o acordo que a gente começou a ter a possibilidade de comprar, fora Ministério. Aí era a questão de equipar, estruturar mesmo, na época o programa era coordenação nacional. Aí começou toda a questão estrutural mesmo de infra estrutura tecnológica, comprar computador, ver a questão de impressora[...] começou a estruturar e aí depois de começar a estruturar aqui, a gente começou a estruturar também a questão dos estados e municípios."

SE	Agente	Concepções	Trecho
Burocrático	E27	Desconfiança em relação às intenções do banco por parte de agentes ligados ao movimento sanitário Criou uma cultura do financiamento de ONGs – até hoje não há fimac. Pelo tesouro Ponto de vista crítico com relação às políticas restritivas do banco (focalização e limitação a medidas preventivas) Registro da manutenção da autonomia nacional	<p>“Eu diria que o primeiro acordo de empréstimo, apesar do dinheiro emprestado ao Brasil pelo Banco Mundial, [...] foi estratégico porque foi a partir desse recurso que se criou a cultura de financiamento de ONGs [...] E até hoje o Tesouro Nacional vive as turras, não financia. [...] Por outro lado, como premissa o banco também estabelecia parâmetros da relação com o movimento social, do controle social, [...] Ou de repente o banco estava muito preocupado da sociedade controlar o acordo de empréstimo, o dinheiro, eu não sei o que estava ideologicamente porque eu não posso esperar boas coisas do banco. E imaginar que o banco queria que o país estabelecesse um controle social, imagina um negocio desse! Não é bem assim. [...] Mas, isso foi bastante favorável [...]”</p> <p>“[...] só prevenção, prevenção, prevenção, nada de tratamento, tratamento não valia a pena, que era caro e os países não iam ter condições disso. Era só para país rico. A pobreza aos pobres, não é? E quem está, paciência, é o destino de Deus, fadado a morrer por que é pobre, nasceu num país pobre, então é fadado a morrer, porque não tem acesso ao tratamento. Isso é para país rico. Era a lógica do Banco e se isso era ruim, por outro lado, foi bom por que evitou que se utilizasse recurso do Banco para comprar remédio, e isso criou o embrião da garantia do Tesouro Nacional. Porque muito país hoje se acabar Fundo Global fecha...”</p> <p>Destaca a estratégico para a reserva de recursos do tesouro para a compra de medicamentos</p>
	E3	Ponto de vista crítico à perda de autonomia das ONGs e a acomodação das mesmas	<p>“Eu acho que ao mesmo tempo que foi uma ajuda grande, deu esse retrocesso. [...] Porque antes a gente [...] a gente se virava [...] eu acho que atrapalhou por causa disso, as pessoas se acomodaram com os financiamentos de 30 mil, 40 mil, 50 mil, e pararam de reivindicar qualquer coisa. Ou só fazia isso porque o próprio ministério dava o título. Então, esse ano era o ano de mulher, então só vou trabalhar com mulher. Por exemplo, voltou a crescer o número de adolescentes com aids e de homossexuais e eu acho que é por conta disso. Você nte um tema. A epidemia tem tema? Não, então, se eles mesmo falam, não tem, não escolhe partido, não escolhe segmento, não tem preconceito com nada, a aids gosta de todo mundo, como é que você vai escolher um tema?”</p>
	E6	Ambivalente – ressalta a importância, mas destaca a criação de uma dívida e redução da autonomia nacional	<p>“[...] os acordos de empréstimo, eles foram ajudando por mais que seja ruim porque é uma coisa de empréstimo, uma coisa que vai ter que se pagar uma dia, tem a perspectiva de que eles foram ajudando a construir uma resposta. [...] nós temos uma autoridade nacional constituída para trabalhar com a questão de DST/Aids e hoje as hepatites virais.”</p>
	E8	Papel no ressurgimento do movimento homossexual	<p>“[...] toda essa ideologia do Banco Mundial levou então o Programa de Aids do Brasil começar a buscar cada vez mais um diálogo com os gays, inicialmente e depois com usuários de drogas.[...] E isso foi uma coisa que eu presenciei [...] com esse trabalho, [...] eles começaram a financiar publicações, a financiar reuniões e isso deu um novo ímpeto para o movimento gay. Então, o primeiro movimento gay foi assim em reação contra os médicos, o segundo movimento já começa, de certa forma, caldatário, e vai perdendo a sua estridência, a sua crítica contra o <i>establishment</i> médico porque eles passam de críticos, passam a ser porta vozes. [...] Mas então é interessante que foi o dinheiro da aids que financiou esse ressurgimento do movimento gay. E possivelmente esse movimento, que existe hoje, agora, com vários partidos políticos tem sua ala gay, isso tudo é em decorrência disso daí.”</p>
Militante	E29	Indução da política pelo BM	<p>“O banco mundial também despejou aqui um caminhão de dinheiro, obrigando o governo a trabalhar com as ONGs, com prevenção, com testes, com um monte de coisa, impôs de uma certa política de respostas que também foram muito importantes.”</p>

SE	Agente	Concepções	Trecho
Militante	E12	Indução do crescimento do número de ONGs Crítica à forma de financiamento das ONGs (projeto)	"Eu acompanhei bem essa chegada do Bird o que modificou todo o panorama da epidemia da aids sem sombra de duvidas, o financiamento internacional. [...] ele representou o grande crescimento das ONGs como um todo no país. [...] Se trabalha por projeto. Se tem uma ditadura do projeto nessa época."
	E13	Estruturação do PN - melhoria da rede - melhoria da governança Fortalecimento das ONGs, possibilitando controle social	"Hoje nós temos o último acordo, que é de 200 milhões de dólares, grande parte desse recurso é do tesouro nacional, então, eu acho que na medida que você tiver isso garantido com recursos do fundo, mas sem dúvida nenhuma, eles são importantes, são importantes acho que pra você melhorar a rede, pra você melhorar a governança, pro fortalecimento das organizações não governamentais, o terceiro setor passa por uma crise de desfinanciamento, isso é fato, e a gente precisa, e eu acho que esses acordos eles tem contribuído muito pra que a gente continue passando esses recursos que são fundamentais, pra que as organizações atuem de fato no seu papel que é o de fazer o controle social. Então eu acho que são de extrema importância."
	E14	Estruturação do PN - Possibilidade de captação de bons profissionais Financiamento de ONGs Fragilização das ONGs	"[...] quando o acordo de empréstimo cria o departamento de uma forma com uma magnitude maior, um grupo maior de profissionais trabalhando, o Estado termina aproveitando e trazendo para si, muitos profissionais que estavam dentro das ONGs. Então não só por essas, não sei se a palavra mais apropriada é essa, cooptação, mas as ONGs se sentiram fragilizadas porque tinham o Estado financiando, mas também, porque perderam seus líderes para o plano federal o Programa Nacional de aids que chamavam eles oferecendo cargos políticos no Programa Nacional."
	E18	Estruturação do PN - melhoria relativa da gestão Indução do crescimento do número de ONGs	"Eu acho, que digamos para o Brasil inteiro, significou alguma coisa. Porque era a disponibilidade de um dinheiro de gerenciamento mas... Veja só, a maior parte do dinheiro, maior em si, pelo menos 80%, às vezes até mais, era para a gestão pública. Isso permitia uma espécie de "azeitamento" da gestão pública que de outra forma não conseguiria, então para conseguir mais rapidamente, para conseguir fazer reuniões, para fazer viagens ou inclusive para projetos de prevenção. Isso facilitou a gestão. Apesar de que, segundo os gestores, era um dinheiro que facilitou, mas não substituiu. Não é que substituiu a gestão no sentido de pagamento de enfermeiros, de leito de pessoal, de remédios [...]" "[...] teve uma facilidade de acesso a fundos por parte das ONGs brasileiras, que antes não tinha. Isso também levou à fundação de várias ONGs."
	E22	Ruptura – nova fase da PN Articulação entre governo e ativistas	"[...] mudou a face do trabalho em aids no Brasil todo, é um marco divisor. [...] se não houvesse essa proposta e de também trazer recursos humanos e militantes ativistas para dentro do da estrutura ministerial a epidemia hoje podia estar sendo tratada de uma forma completamente diferente. Então eu acho que também não é uma decisão fácil para o gestor trazer propostas chaves se por um lado facilita o diálogo, complica todas essas coisas, mas por outro lado também você traz um arsenal de pessoas que de alguma forma também tem comprometimento ainda com suas origens de movimentos, então você cria um campo de tensão permanente no seu ambiente de trabalho, produtivo, mais um campo de tensões permanente."
	E33	Ruptura – nova fase da PN Estruturação do PN Financiamento de ONGs, levando a uma atenuação da crítica Articulação entre governo e ativistas	"O empréstimo do banco mundial realmente foi a mudança mesmo. Não que não tivesse um programa de aids no Brasil, mas o que estrutura mesmo é o empréstimo com o banco mundial. É se preparar para esse empréstimo e o próprio impacto do empréstimo na organização do programa. Entende. É o grande divisor de águas. [...] Foi o que permitiu estruturar o programa. [...] O banco exige que nesses projetos sociais tenha um diálogo com a sociedade civil. E isso, talvez por pressão do próprio banco, o governo muda sua posição de fechamento com a sociedade civil e procura abrir diálogo. [...] Esse projeto do banco ele inaugura, um canal sistematizado, organizado de financiamento da sociedade civil. Aquela relação de oposição frontal, só de crítica em relação ao governo federal pelo menos, ela muda para ser uma relação de, sim ainda crítica mas muito mais companheira, de uma certa forma, de mais colaboração."

SE	Agente	Concepções	Trecho
Científico	E9	Estruturação do PN - contratação de técnicos Registra a manutenção da autonomia nacional no que toca aos medicamentos Financiamento de pesquisas Financiamento proj. ONGs	"Foi um aporte para o programa muito grande. Poder contratar técnicos, financiar pesquisas etc. E tudo. E para as ONGs, um componente importante é o de apoio para projetos de ONGs, não só de auxílio para encontros, mas para casas de apoio e muito mais. Por sinal, tinha técnicos do Banco que dizia que era uma tentativa da Lair querer cooptar a sociedade civil, não sabiam eles que seria com prestação de contas, processo competitivo e tudo." "[...] o Banco Mundial nunca aceitou a gente comprar medicamento, e, quando a gente começou a usar antirretroviral, antes da lei chamada Lei Sarney, membros do staff da OMS disseram que nós não íamos manter a distribuição gratuita e que íamos criar cepas circulantes resistentes aos antirretrovirais. Já no Banco Mundial, o discurso era de que não íamos conseguir manter essa distribuição universal e gratuita, e íamos focalizar, em fazendo assim, mais no tratamento do que na prevenção. O Banco Mundial sempre foi contra. Atualmente eles reconhecem que deu certo"
	E16	Viabilidade de execução da política Financiamento de projetos Sustentabilidade das ONGs Destaca a criação de uma dívida como ponto negativo	"Eles representaram e representam ainda hoje a execução da política. Eles representaram a possibilidade de ter financiamento de projetos de diversas áreas, eles representaram a sustentabilidade de ONGs e a criação de ONGs e de movimentos sociais durante muitos anos. [...] eu acho que o recurso do acordo, há muita crítica porque o país paga, o país de fato tem que pagar essa dívida [...] os empréstimos vem diminuindo ao longo do tempo, mas eu acho que existe indicadores de que ele de fato foi usado de uma forma, que hoje a gente tem resultados positivos em varias áreas: capacidade instalada, formação de recurso, formação de recursos humanos, no Brasil inteiro, nas mais diversas áreas, desde a área do cuidado, da epidemiologia, a prevenção."
	E25	Financiamento de ONGs Redução do papel político das ONGs - cooptação	"[...] o movimento inicialmente era altamente contestador do Estado. Quando veio o financiamento, quando eles compraram um fax. É uma coisa que muda! Um movimento que tem um fax, naquela época não tinha muito e-mail assim, era uma forma de fazer política. Aí aquele lado mais ácido da crítica da sociedade, das críticas das políticas do Estado mais contestador, em 92 começa a fazer um realinhamento, uma cooptação das ONGs e elas perdem essa capacidade, porque elas vivem se tornam co-responsáveis pela política. [...] Não quero falar que é meramente uma cooptação porque teve um toma lá da cá, mas houve uma perda de uma crítica mais ácida."
	E30	Registro da influência da Reforma Sanitária na manutenção da autonomia nacional	"[...] a recomendação era prevenção, prevenção, prevenção. E o Brasil se descolou em parte, quer dizer, em grande parte. Pela reforma sanitária, pela nossa constituição, pelos ideais de ter um sistema de acesso universal e que se mostrou uma decisão mais do que acertada, não é?"
	E32	Registro da manutenção da autonomia nacional em diversos pontos contrários à política do BM Reconhecimento da importância da contrapartida	"[...] Eu participei do debate, da construção do primeiro acordo Brasil-Banco Mundial. Participei do debate: [...] Para terceiro mundo só prevenção. Cuidado não, quer dizer, tratamento não. [...] Eu acho que a interlocução com o Banco Mundial é importante num padrão de autonomia, dignidade e liberdade do que é nossa política. E a defesa dos princípios do SUS. Isso foi importante pra nós. Claro que por outro lado trouxe um monte de dinheiro a mais, que obriga o Estado brasileiro a dar contrapartida. Mas do ponto de vista simbólico, produção de política ideológica, etc. Eu acho que essa noção de autonomia nunca se perdeu. Porque a gente enfrentou o Banco direto. Eu sei porque viajo muito, a maior parte dos países 'abre as pernas' pra ter o dinheiro. Entendeu? E gente foi pescocado. [...] A coisa de centrar na questão da discriminação, a coisa de apoiar a luta e as políticas anti-homofóbicas. A questão de transitar do grupo de risco, da noção de risco para a vulnerabilidade, a questão de trabalhar a prevenção em acordo, e trabalhando com as ONGs, a noção de participação do SUS informando as políticas o tempo inteiro. Qualquer congresso de aids que você vai é assim, mas no Brasil especialmente tem sempre assim: a academia, o governo e as ONGs. Isso se construiu ali, isso estava presente ali. [...] A gente dependia de dinheiro externo, não tinha dinheiro de orçamento. Foi difícil convencer os governos a incorporar a questão da aids. Então esse dinheiro de financiamento externo é um dinheiro importante."